

O MISTÉRIO
MORA AO LADO

GISELDA LAPORTA NICOLELIS

Ilustrações
PAULO TENENTE

O MISTÉRIO MORA AO LADO



12ª edição

Conforme a nova ortografia

 **Editora
Saraiva**

Editora: CLAUDIA ABELING-SZABO

Suplemento de trabalho: LUIZ ANTONIO AGUIAR

Preparação de texto: CARMEN TERESA SIMÕES COSTA

Coordenação de revisão: LIVIA MARIA GIORGIO

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: JOÃO BATISTA RIBEIRO FILHO

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELCIUC

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nicoletis, Giselda Laporta

O mistério mora ao lado / Giselda Laporta Nicoletis; ilustrações
Paulo Tenente. — 12. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009. — (Jabuti)

ISBN 978-85-02-07963-2

1. Literatura infantojuvenil I. Tenente, Paulo. II. Título. III. Série.

96-5295

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

10ª tiragem, 2017



Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 4003-3061
www.editorasaraiva.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados à SARAIVA Educação S.A.

CL: 810031
CAE: 571333

*“Época triste a nossa,
em que é mais difícil quebrar
um preconceito do que
um átomo.”*

Einstein





Eu

Moro nesta rua desde que nasci... Conheço todo mundo, porque a rua é pequena. Meus pais já moravam aqui mesmo antes de eu nascer, então é como se a gente fosse uma grande família.

Quer dizer, eu pensava assim, até que uma das casas foi alugada para um velho que veio morar sozinho. Sozinho é modo de dizer, porque com ele vive uma infinidade de gatos. Tantos, que o primeiro comentário que o meu vô fez foi: “Isso vai dar problema...”.

Pensei que se referisse aos gatos, e acho que era isso mesmo o que o vô quis dizer. Mas logo percebi que o problema mesmo seria o tal homem. Porque, semanas depois que ele havia mudado para a nossa rua, começaram a surgir rumores.

— Já reparou como o nosso novo vizinho é meio esquisito?
— perguntou a vizinha do lado, a dona Carminda, a maior fofoqueira da rua.

— Pra falar a verdade nem percebi — respondeu a mãe. Ela vivia tão ocupada cuidando da casa, dos quatro filhos, do meu pai e do pai dela, que não tinha muito tempo para reparar nos vizinhos, esquisitos ou não.

— Pois devia — continuou a vizinha, falando baixo. — Quem me contou foi o Antenor, que mora na casa ao lado, que é geminada. Dá para escutar tudo o que se passa na outra casa, a do velho...

— Ele tem nome, não tem? — interrompeu a mãe, já aflita para entrar na própria casa. Estava voltando da padaria e a vizinha a pegara de surpresa. Pelo jeito não a largaria tão cedo.

— Claro que tem! O nome dele é Evaristo. Diz que é funcionário público aposentado. Nem sinal de mulher ou filhos, deve ser solteirão. Dele só tem os gatos. Mas como eu ia dizendo... o vizinho diz que escuta uns sons esquisitos, toda noite, como se fossem gemidos...

— Com licença, dona Carminda, preciso entrar. Estou com uma panela no fogo, mais tarde a gente conversa.

— Como quiser.

A vizinha ficou desapontada. Foi aí que deu comigo, e veio certa para o meu lado:

— Como você cresceu, hein, Lucas? Já está mesmo um rapagão... Como vai indo na escola?

— Tudo legal.

Ela desandou a falar. Mas justamente comigo, que estava superinteressado na fofoca do velho da esquina, ela não tocou mais no assunto. Então resolvi provocar:

— Nossa, a senhora já viu quantos gatos tem o nosso novo vizinho? Que loucura! Quando ele volta do açougue, os gatos ficam miando desesperados, nem bem ele aponta na rua... parece que sentem o cheiro da carne...

— Sei bem do que você está falando, Lucas — dona Carminda baixou a voz novamente. — Ali tem coisa, garoto, ouça o que eu digo. E coisa grossa...

— E o que é coisa grossa? — insisti, morto de curiosidade. — A senhora acha o quê?

— Ah, não acho nada, não. — A vizinha se pôs na retaguarda. — Os outros é que acham, só repito o que me contam... Mas que tem algum mistério, isso lá tem.

— Lucas! — berrou a mãe de dentro de casa, e, muito a contragosto, tive de me despedir da dona Carminda. Ela não sabia grande coisa mesmo. Se quisesse saber mais, eu é que teria de descobrir. Sozinho ou com a turma. Se eles se interessassem pelo assunto, é claro...

Entrei em casa e joguei as coisas de escola na poltrona. A mãe continuava a gritar lá da cozinha, como se eu estivesse no fim do mundo.

— Pô, mãe, para com essa gritaria, o que a senhora quer, afinal?

— Cuide do Dani enquanto eu acabo de preparar o almoço. E diz pro seu avô abaixar essa televisão que está me pondo louca...

A mãe estava sem empregada, porque ninguém parava ali em casa. Pudera! Quatro crianças, o vô que via televisão o dia inteiro... quando não era televisão era disco de ópera, porque o vô era vidrado nuns cantores antigos italianos, o Caruso, o Gigli, e por aí. Sem falar no pai, que de vez em quando se punha a discutir política e futebol com o vô e dava a maior confusão. O máximo que uma empregada ficou em casa foi três meses. Depois disso, pediu a conta.

Nessa época, eu estava no primeiro ano do ensino médio, pretendia entrar na faculdade de Engenharia. Isso era o meu sonho — ou melhor, o meu pesadelo. Às vezes, sonhava que estava chegando para o exame vestibular e tinha perdido a hora: o portão fechava bem na minha cara. Acordava suando em bicas, gritando; e o vô de roupão no corredor, certo dia, ainda tirou sarro:

— Se vai começar a sofrer adiantado desse jeito, faz de conta que a sua mulher está dando à luz, chove a cântaros e acabou a bateria do carro...

— Credo, pai, que sadismo! — bocejou a mãe, enquanto o bebê berrava no outro quarto e ela não sabia se acudia o caçula ou o primogênito. Era como a vó sempre dizia: “Filho criado, trabalho dobrado”.

O ano escolar estava quase no fim, tempo de provas, arre! Dei o melhor que pude para ficar logo livre daquilo. Férias de fim de ano, pô, superlegal. Eu estava a fim de arrasar com a turma. Mas o novo vizinho, não sei por quê, não me saía da cabeça. Bateu a paranoia.

Então, certa tarde, lá estava eu: disfarçado atrás de uma árvore, quando o velho saiu para ir comprar carne, como fazia todo dia. Nunca trancava a porta, só batia o trinco, mais uma esquisitice dele. Quando ele virou a esquina, me deu aquele impulso: saí de trás da árvore e fui andando, olhando para todos os lados, até a porta da casa. Não tinha ninguém na rua àquela hora, então cheguei sem problemas. Virei a maçaneta e a porta abriu. Fui entrando de fininho na sala, que estava meio na penumbra devido às cortinas fechadas.

Foi aí que, de todos os lados, acenderam uns faróis, e, como fantasmas, eles me rodearam, cercaram, aprisionaram naqueles círculos verdes. Fiquei literalmente estático, sem poder sair do lugar. Para qualquer lado que eu me virasse, as luzes me seguiam... então ouvi gemidos, como se a casa toda fosse habitada por seres invisíveis que se manifestassem, ali, na sombra, através das luzes que dançavam à minha volta...

Apavorado, saí correndo, porta afora, sufocando um grito de terror. Cheguei tão assustado em casa, que o vô comentou ao me ver:

— Credo, rapaz, parece que viu lobisomem! Já contei quando topei com um, quando tinha a sua idade, lá na fazenda?

— Dá um tempo, vô.

Ainda apavorado, corri e me tranquei no quarto. A qualquer hora esperava ouvir a campainha tocar e o velho vir tomar satisfações. Até suava frio de tanto medo.

Mais tarde, depois que a mãe cansou de chamar, finalmente desci para jantar. Devia estar ainda com a cara assustada, porque ela comentou:

— Que foi, Lucas? Tá me escondendo alguma coisa?

— Desde que ele chegou da rua que está com essa cara de susto — falou o vô. — Até perguntei se ele tinha visto lobisomem.

— Veja lá o que você aprontou, hein, Lucas? Tá namorando escondido alguma garota, é isso?

Até caí na risada:

— Namorada, eu, hein? Nem pensar.

— É justamente quando a gente não pensa que acontece — rebateu a mãe, desconfiada como ela só.

De qualquer jeito disfarcei o resto da noite. Só me senti tranquilo quando era tarde demais para o velho aparecer. Parece que ele dormia cedo, porque as luzes de sua casa se apagavam entre nove e dez horas.

Nos dias seguintes, não houve nenhum comentário sobre a invasão da casa do seu Evaristo. Mas, quando a gente se cruzava na rua, ele me olhava de um jeito estranho. E eu tinha a terrível sensação de que ele sabia.